GRANDE SERTÃO: VEREDAS

apontamentos de um ex-sertanejo

Rio meu amor é o Urucuia

Alaor Chaves

Resumo biográfico de Guimarães Rosa (1908 – 1967)

Nasceu em Cordisburgo, na região central de Minas Gerais. Desde menino interessou-se por línguas. Aos 6 anos aprendeu sozinho a ler e escrever em Francês e aos 8, com um frade nascido na Holanda, aprendeu Holandês, melhorou seu francês e aprendeu a pronunciá-lo. Ao ingressar no Colégio Arnaldo, de padres alemães, em Belo Horizonte, rapidamente aprendeu alemão. Ao longo da vida, tornou-se poliglota. Em uma entrevista, afirmou:

Falo: português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio: sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânio, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal.

Formou-se em Medicina em 1930 na Universidade de Minas Gerais, casou-se no mesmo ano e foi trabalhar como médico em Itaguara, município de Itaúna. Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, ingressou como médico voluntário na Força Pública. Mais tarde, tornou-se oficial concursado do 9º. Batalhão de Infantaria, em Barbacena. Em 1936 ingressou por concurso no Itamarati. Em 1938 foi nomeado Cônsul Adjunto em Hamburgo, onde permaneceu até 1942, quando o Brasil ingressou na guerra. Em Hamburgo conheceu Aracy Moebius de Carvalho, sua segunda esposa, com quem atuou na ajuda da fuga de judeus, o que lhes rendeu a mais alta condecoração que Israel dá a estrangeiros. Atuou como diplomata em Bogotá e Paris, até que em 1951 retorna ao Brasil, onde vive pelo resto da vida. A vida de diplomata lhe concedeu tempo para estudar línguas e escrever. Escreveu livros de poesia, de contos e um único romance, Grande Sertão: Veredas, sua obra prima.

O cenário da história

A história, uma epopeia de grupos de jagunços que guerreiam entre si e todos eles contra a polícia, em longas cavalgadas, se desenrola no **norte de Minas**, na latitude acima de **Pirapora**. As principais referências geográficas da história sãos os rios da bacia do **São Francisco**, as serras, várzeas, matas e chapadões que cobrem a região. A franja sudoeste da **Bahia** também aparece na história, sem descrição de detalhes. No noroeste de Minas, onde fica o **Urucuia** e o **Paracatu**, os rios percorrem vales bem abaixo de chapadas elevadas que são extensões do Planalto Central goiano. O sertanejo ainda hoje chama esses vales de **vãos**, mas esse termo nunca aparece no **GSV**. A descida da chapada para o vão é chamada **quebrada,** formação pedregosa com desnível de uns 300 metros. O **gerais**, termo usado no GSV e também pelo sertanejo, é um bioma muito diverso, formado por cerrados, carrascais, campinas e muitas **veredas**, que são matas dominadas pela palmeira **buriti** e às vezes também pelo pau-pombo e pela pindaíba, árvore de tronco fino e reto, muito usada pelo sertanejo. A maioria das nascentes do norte de Minas ocorre em veredas, indício infalível de águas muito cristalinas, fato citado inúmeras vezes em GSV.

O romance, em resumo

GSV é uma narrativa feita durante três dias por **Riobaldo**, ex-jagunço já envelhecido, a um interlocutor que chega à sua vasta fazenda, situada a “dia e meio a cavalo” ao norte de Andrequicé. Desde que largou o jaguncismo Riobaldo vive na fazenda com sua esposa **Otacília**, matutando sobre significado da vida, obcecado pela permanente dúvida da existência do diabo, que durante a narrativa é citado centenas de vezes, com dezenas de nomes distintos. Nas suas indagações, recorre amiúde ao **compadre Quelemém**, seu guru, mas as sábias opiniões deste raramente sanam suas dúvidas. O interlocutor, que nunca se manifesta na narração, chega de passagem à fazenda de Riobaldo, que o segura para ouvir sua história de vida, pois “visita em minha casa é por três dias”, o que faz “com despesa de tempo e minúcias de palavras”. O interlocutor é pessoa instruída, a quem Riobaldo muitas vezes se dirige com louvores a “vosso saber” e “vossa alta doutoração”.

Riobaldo, menino que não conheceu o pai e cedo perdeu a mãe. Foi adotado pelo padrinho **Selorico Mendes** – provavelmente seu verdadeiro pai – que lhe deixa em testamento suas duas maiores fazendas. Teve boa educação primária no Curralinho, com álgebras, gramáticas e história, e fala com grande articulação. Toma gosto pelo manejo das armas, no qual adquire grande habilidade. Muito jovem, ingressa no jaguncismo a serviço de **Zé Bebelo**. Não o atraem as causas, e sim a aventura, o emprego das armas no seu uso predestinado e os personagens do enredo, tanto assim que não tarda em desertar e ingressar no bando de **Joca Ramiro**, o mais louvado chefe de jagunços da narrativa, que atua com suporte e apoio logístico de grandes fazendeiros, alguns deles coronéis, para livrar o sertão da interferência do governo e de suas polícias. A história abrange duas guerras, narradas de

maneira um tanto errática que não respeita a ordem cronológica dos fatos. Na primeira, Joca Ramiro combate Zé Bebelo, homem inteligente movido por ambições políticas, progressista na pregação e arcaico na ação: pretende livrar o sertão do jaguncismo, após isso ingressar na política e trazer o progresso e a indústria ao sertão mineiro, onde iria haver “mil escolas”. Seus comandados, também jagunços, o chamam “deputado” e, segundo rumores, é ligado ao governo. Há ainda outros grupos de jagunços que não aparecem nas batalhas, mas Joca Ramiro é o grande chefe, diferente dos outros. Não judia de ninguém, não mata jagunços rendidos e reprova o estupro de senhoras e donzelas praticado pelos seus jagunços.

Cada um dos mencionados dois grupos é composto de mais de meio milhar de jagunços, divididos por questões estratégias em cinco ou seis grupos liderados por cabos-chefe. Mensageiros mantêm permanente contato entre os batalhões de cada exército. Alimento nunca falta, o que inclui bois que carneiam para fazer mantas de carne de sol e paçoca, café, rapadura, farinha, arroz e feijão, pois os grandes fazendeiros são liberais em seus favores. Tampouco falta a boa cachaça de **Januária**, sempre doada pelos fazendeiros. Armas e munições são fartas, mantidas em esconderijos ou nas fazendas amigas. Burros cargueiros acompanham as cavalgadas, levando armas e comida. Cada cavaleiro leva seu bornal de paçoca, cantil de água para o dia, suas pistolas, espingardas e outros aços. Ao final da tarde, não havendo batalha, acampa-se, janta-se, joga-se baralho, bebe-se cachaça e contam-se histórias. Dormem em redes, com a proteção de sentinelas próximas e vigias espalhados a maior distância. Quando se acampa para um descanso mais longo, pesca-se e caça-se para a obtenção de carne fresca.

Riobaldo é dotado de uma pontaria sem igual e de agilidade no manejo de seus dois revólveres. Riobaldo tataranha, logo começam a chamá-lo. Alto, de boa aparência, tem sucesso entre as mulheres. É mulherengo e revela uma preferência por mocinhas de pele alva ou morenas claras, “uma oitava de canela”. Numa passagem, torna explícito o seu racismo sexual, pois “rejeita uma roxa que implorava seu carinho”. Confessa ter desvirginado algumas donzelas e estuprado duas mulheres. Namora várias mulheres casadas. Arraial bom, para Riobaldo, é o que seja suprido de bordel. “Fascerei, semvergonhei”, confessa candidamente a seu interlocutor.

Namora, por quase toda a vida de jagunço, Otacília, bela moça de pele rosada da “Fazenda Santa Catarina”. É seu amor de prata. Mas seu amor de ouro é **Diadorim**, amigo inseparável na vida de jagunço. Amor perverso, que cresce sem parar embora Riobaldo o reprima. Diadorim, guerreiro destemido de traços delicados e olhos “mais verdes que qualquer capim”. Diadorim demonstra forte ciúme de Riobaldo e ódio por Otacília. Há coisas estranhas em seu comportamento. Nunca se desveste de seu jaleco de couro nem verte água na presença dos colegas jagunços. Com frequência, afasta-se do bando

embrenhando-se nas moitas ou matas. Na madrugada, antes do primeiro sinal da aurora, levanta-se para tomar banho num rio ou riacho. Não faz certas menções a mulheres nem com elas mantém qualquer relação carnal.

Uma noite, quando a fogueira tinha virado braseiro, a fumaça dirigiu-se para os olhos de Diadorim. Fancho-Bode gracejou: “Fumacinha é do lado do delicado”. Diadorim levantou-se e afastou-se um pouco do grupo, mas Fancho-Bode insistiu nos gracejos, apoiado por um terceiro. Diadorim deu um soco em Fancho-Bode, jogou-o ao chão e saltou sobre ele, o punhal logo encostado em seu pescoço. Riobaldo levou uma das mãos ao respectivo coldre, olhos atentos ao outro gracejador, que fizera gesto semelhante. Diadorim levanta-se e desafia Fancho-Bode a também levantar-se e lutar em condições iguais, mas este alega que tudo foi uma brincadeira sem maldade.

Diadorim e Riobaldo são inseparáveis e trocam confidências. Numa delas, Reinaldo, como é conhecido por todos desde menino, conta que seu nome é Diadorim, mas este nome secreto só podia ser usado quando estivessem a sós. Noutra, informa ser filho do grande chefe Joca Ramiro.

A primeira guerra acaba com a vitória de Joca Ramiro sobre Zé Bebelo, que se rende e exige um julgamento, não uma execução sumária. O julgamento de Zé Bebelo é uma das passagens memoráveis da literatura. O réu é desafiador e irreverente, e mais de uma vez afirma não saber o que seja o medo. Os juízes são Joca Ramiro e cinco dos seus cabos-chefe. Joca Ramiro concede a palavra aos juízes e finalmente a Zé Bebelo, deixando para o final o pronunciamento da sua sentença. Hermógenes, braço direito de Joca Ramiro, é o primeiro a falar e defende cruel execução:

“Acusação, que a gente acha, é que se devia de amarrar este cujo, feito porco. O sangrante... Ou então botar atravessado no chão, a gente todos passava a cavalo por riba dele – a ver se vida sobrava, para não sobrar!”.

Ricardão, companheiro inseparável de Hermógenes, após longo discurso também defende a execução do vencido e rendido nos termos sucintos:

“...misericórdia duma boa bala, de mete-bucha, e a arte está acabada e acertada”.

Sô Candelário, propõe que ele e Zé Bebelo decidam a questão num duelo de faca. Como Joca Ramiro desaprova o proposto, Sô Candelário declara que não vê crime praticado por Zé Bebelo. Os outros três juízes também opinam pela absolvição, pois jagunço matar jagunço em batalha não é crime. Enfim a sentença. Joca Ramiro poupa a vida de Zé Bebelo, com o trato de que ele vá para outro estado e não retorne a Minas ou Bahia, “até enquanto eu vivo for, ou não der contra-ordem...”

Era o fim da guerra a que se dedicara Joca Ramiro. Restavam, é fato, o governo e suas polícias, cujas ações incomodavam os grandes fazendeiros e coronéis, mas o combate a eles era coisa menor, incapaz de incendiar o coração de tão valentes guerreiros. O exército sobrevivente de Joca Ramiro, de mais de quinhentos jagunços, se divide em grupos que vagam sem maior propósito pelo sertão, evitando confrontos com a polícia, acampando por semanas em locais aprazíveis. O gozo da companhia de mulheres, eventuais festas em arrais, com isso é que principalmente se ocupam. Mas o jaguncismo já tinha virado parte da alma de cada um e os grupos não se desfazem. Diadorim mantém-se ao lado de Riobaldo, em vez de acompanhar seu pai Joca Ramiro. Pode ser que no decorrer do tempo se tornassem meros bandoleiros.

Um trágico dia, um mensageiro (ou foram mensageiros?) chega esbaforido, o cavalo exausto, e anuncia: mataram Joca Ramiro. Hermógenes e Ricardão o haviam matado à traição. Tem-se então o início da segunda guerra, pois Joca Ramiro tinha de ser vingado. Os assassinos e seus comandados passam a ser chamados “os judas”. **Medeiro Vaz** assume a chefia geral dos que querem a vingança. Hermógenes refugia-se em sua fazenda na franja da Bahia, logo ao norte de São Romão, onde o Urucuia desagua no São Francisco, e ali se dedica a ampliar seu exército. No caminho até a fazenda fica o Liso do Sussuarão, planalto no topo da Serra das Araras que Riobaldo recria como num carrascal fictício de ameaças terríveis. Nenhum ser humano jamais tinha transposto aquele espaço sem água, que nas palavras do narrador adquire a dimensão de cinquenta léguas e “emenda-se em si mesmo”. Medeiro Vaz aceita o desafio de transpô-lo, pois Hermógenes nunca iria supor que o inimigo pudesse surgir do fundo daquele deserto. Com muitos burros e jegues de comida e água, o exército penetra o medonho carrascal. Fracassa, assolado pela sede, a exaustão e o escorbuto. Muitas vidas humanas se perdem. Medeiro Vaz, já idoso, morre daí a não muito, antes disso sinaliza que Riobaldo era sua escolha para assumir o comando. Riobaldo é aclamado como o novo chefe, mas declina a honra. Diadorim se apresenta e Riobaldo veta o seu nome, indicando o de **Marcelino Pampa**. Seguem na perseguição dos judas, que tinham retornado ao sertão mineiro. Um dado dia, ressurge Zé Bebelo, descendo o São Francisco numa jangada, acompanhado por cinco **catrumanos** urucuianos. Vigias de Marcelino Pampa logo chegam noticiando a volta de Zé Bebelo e ainda outras coisas. Sem cavalos e mal armado, o pequeno grupo tinha matado coisa de trinta homens de Hermógenes. Mensageiros são enviados em busca de Zé Bebelo cujo exílio se extinguira com a morte de Joca Ramiro. Este chega e reivindica a chefia, pois não nascera para ser chefiado. Começa imediatamente a dar ordens e a traçar planos. Por bom tempo, persegue os judas no vasto sertão.

Hermógenes era “o Pactário”, tinha o corpo fechado por ter feito pacto com o diabo. Riobaldo urde o plano de também fazer seu pacto, única forma de vencer Hermógenes. Uma noite, nas Veredas Mortas, afasta-se do bando e procura uma

encruzilhada. À meia noite, debaixo de uma árvore, numa encruzilhada, chama-se o diabo e faz-se o pacto, esse é o mito do sertão. Há antes alguns sinais, como o aparecimento de uma porca cuidando de muitos pintinhos ou de uma galinha seguida de vários leitões. Nada disso ocorre, e Riobaldo clama em vão pela presença do Belzebu. No clarear do dia, volta ao local do bando. Houve o pacto?, essa é a dúvida que o persegue até a velhice. Mas se o diabo nem mesmo existe, mais ainda nos comanda. O espectro de Belzebu se apossa da alma de Riobaldo, que se sente pactário, adquire um ar grosseiro e arrogante. Toma gosto por pequenas e grandes maldades. Seus alarmados companheiros o reprovam e ao mesmo tempo o temem. Seo Habão, rico e avaro fazendeiro da região, aparece no acampamento do bando montando um magnífico cavalo malhado que encantara Riobaldo desde que este o conhecera. O cavalo para frente a Riobaldo, empina quase verticalmente e relincha. Riobaldo alisa o pescoço do animal e ele se acalma. Belzebu paira acima do acampo e comanda os fatos. Comanda?. Impressionado com a cena, seo Habão desce do cavalo e o oferece como presente a Riobaldo. Zé Bebelo faz cara de ciúme, pois uma prenda daquelas só podia ser dada ao grande chefe. Riobaldo sente a dimensão do momento. Desafia Zé Bebelo: “E agora, quem é o chefe?”. Repete algumas vezes a pergunta, primeiro a Zé Bebelo e depois a todos os jagunços. Dá as costas a Zé Bebelo, de forma ostensiva, enquanto se dirige ao bando. Finalmente Zé Bebelo admite estar vencido: o chefe é você, Riobaldo tataranha. Riobaldo pergunta se “todo mundo lealda”. Rasga-Embaixo tenta sacar a arma, mas antes de fazê-lo cai fulminado por uma bala. Uma segunda bala é destinada a José Pires, irmão de Rasga-Embaixo, só por via das dúvidas. O bando aclama o novo chefe, dando-lhe o cognome de **Urutu Branco**. Belzebu, real ou imaginado, mais ainda torna-se parte de Riobaldo, que conquistara no grito o comando que antes havia desdenhado. Zé Bebelo anuncia que vai embora, pois “não sei ser terceiro nem segundo”. Monta seu cavalo e parte, sem pressa.

Riobaldo permanece mais um tempo acampado, nesse tempo dando ordens diversas em tom mandão. A primeira é entregar seu novo cavalo ao Fafafa com a ordem de dar-lhe milho e o escovar todos os dias.

Uma manhã, Riobaldo monta seu cavalo e segue para o norte, acompanhado por jagunços já inteiramente submissos. Antes dispensa os cinco catrumanos que tinham chegado com Zé Bebelo. Nada fala sobre os seus planos. Quando em alguns dias os jagunços percebem, estão na beira do Liso do Sussuarão. Riobaldo decidira fazer sem qualquer preparo o que o premeditado Medeiro Vaz tentara, com fracasso. Vamos sequestrar a mulher do Hermógenes, explica, aí o forçamos a vir ao nosso encontro. Sequestram a mulher, fazem a volta por um longo caminho até Goiás, daí descendo até o Urucuia, pelas margens de Minas. Perambulam: os judas haveriam de aparecer. Certo dia, vigias avisam que eles estão se aproximando para o confronto, vindo de todos os lados. No Paredão, arraial próximo à margens do Paracatu, dá-se a grande batalha. Notando a

convergência de tantos jagunços para a região, os habitantes abandonam o arraial, deixando-o deserto. Os urutu-brancos vencem os judas num tiroteio longo e medonho. Já sem munição, Hermógenes e um pequeno grupo de sobreviventes sai de uma casa e parte pra cima de um grupo de jagunços de Riobaldo. Da janela de um casarão, Riobaldo vê tudo. Diadorim enfrenta Hermógenes também à faca e os braços de Riobaldo não o obedecem quando ele tenta atirar no judas. Diadorim rasga a garganta de Hermógenes e também cai morto logo em seguida.

A mulher de Hermógenes diz não querer que enterrem seu marido, pois o odeia, mas pede um bom enterro para o rapaz bonito de olhos verdes, o único do bando que lhe havia dado atenção e consolo. Quer antes lhe dar um banho para retirar tanto sangue, e vestir-lhe roupas limpas. Não tarda que ela volte para anunciar que o rapaz é uma bela mulher, que Riobaldo descreve com emoção. Diadorim é enterrado vestido com roupas femininas cedidas pela mulher de Hermógenes.

Riobaldo corre o sertão em busca de quem conhecesse a história de Diadorim. Na matriz de Itacambira acha um papel, um batistério. “Em um 11 de setembro de 1800 e tantos... o senhor lê: De Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... Reze o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha?”

A linguagem da narração

Dizer que a linguagem roseana é única é repetir o já muito cantado e louvado. Críticos e estudiosos de alta erudição a analisaram em diversos ensaios, livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Em GSV o ouro dessa linguagem adquire o seu brilho maior. Neologismos são criados a cada meia página. Muitos são onomatopaicos: o farfar das ramas, o talalalar da chama, o x’tótótó do foguete; dezenas de termos usados para descrever o cricri dos grilos ou o coaxar dos sapos. O som do vento... Muitos dos aparentes neologismos usados em GSV na verdade são arcaísmos. Joliz, nublo, ancho, upar, diguice, possança, desinduzir, rebulir, caturrar, afracar, recachar, assarapanto, truz, guapira, jerimbamba, bangafumém, ceitil, toleima, são exemplos de uma longa lista de arcaísmos. Na verdade, com seu profundo conhecimento da dinâmica da língua portuguesa, GR explora muito criativamente os arcaísmos, além de criar neologismos. No sentido arcaico, famigerado significa cheio de fama, mas a palavra passou a ser usada com o significado pejorativo de mal afamado. Com base nessa transformação, o escritor criou o originalíssimo conto **Famigerado**.

Os termos regionais são surpreendentemente raros em GSV. Esbarra, no sentido de parar, muito empregado no noroeste de Minas e sudeste de Goiás, aparece centenas de vezes na narrativa. Saeta é o nome de um doce de pasta de buriti, de memória não sou capaz de citar muitos outros exemplos. Faquista

– facaquista, na versão gaúcha – é palavra usada no sertão para descrever quem briga a faca. O pássaro quero-quero é apropriadamente chamado quem-quem, o nome usado no sertão mineiro, o mesmo ocorre com acauã, nome sertanejo da coam. Riobaldo descreve de várias maneiras o que seja o sertão. Numa delas diz: “O sertão é onde os pastos carecem de cercas”. O sertanejo chama esses pastos sem cerca de **largas.** Por que o termo larga não aparece no livro?. Durante o ciclo do couro no vale do São Francisco, muito gado subiu os vales dos afluentes à margem esquerda do Rio, na época desabitados, e adaptou-se como gado selvagem. **Gado brabeza**, na linguagem do sertanejo, muito caçado e capturado para domesticação no período 1900-1950. Em GSV o termo brabeza só aparece uma vez. Surpreende também que os jagunços da história não pratiquem o abate a tiros de gado brabeza para sua alimentação.

Não faço a menor ideia do que Guimarães Rosa quer dizer com uturge, burgueia, cravável, terrivoroso (terrível + pavoroso?) e inúmeras outras palavras. Mas isso não importa, pois como disse o autor, GSV pode ser visto tanto como um romance quanto um longo poema. Sua sonoridade é melodiosa, e a música emprega alguns recursos recorrentes. A pois e apraz são termos usados em toda a narrativa para iniciar sentenças de várias índoles. “O diabo na rua no meio do redemunho” é um estribilho que Riobaldo canta muitas vezes ao expor suas emoções ou de sua filosofia de vida. Após considerações sobre as vicissitudes do destino, a fala de Riobaldo relembra que “viver é muito perigoso”. Como a dúvida permeia toda a sua fala, também ocorre que pergunte: “Viver nem é mesmo muito perigoso?”. O léxico e a composição harmonizam-se de forma deliciosa na narrativa e ao longo dela passam a melhor caracterizar o protagonista e narrador da história.

GSV é ao mesmo tempo obra regional e universal. O conflito entre o bem e o mal – tendo em Deus e o diabo seus símbolos mitológicos –, a honra e o opróbio, o significado e o propósito da vida, a ascensão e decadência dos heróis, o drama do amor não realizado, a dominação da mulher pelo homem, a riqueza e a mais torpe pobreza, a avareza e o desprendimento, a nobreza e a vilania, a coragem que nasce da convivência com o medo, as superstições, são elementos centrais da literatura universal desde Homero. Sobre isso muito se tem falado e escrito por quem sabe mais do que eu.

O pacto com o demônio tem sido tema de muitas obras desde Fausto, a lenda alemã. Muitos críticos vêm analogia entre o pacto de Riobaldo e o de Adrian Leverkühn, compositor doente que ao diabo vende a alma em troca de viver o bastante para completar uma grande obra esteticamente revolucionária (Doutor Fausto, Thomas Mann, 1947). Embora os dois pactos tenham propósitos específicos, há nos dois casos um contraste essencial, Durante o pacto, Leverkühn dialoga longamente com Mefistófeles, só falta assinar com ele um contrato de compra e venda da alma. Já Riobaldo vai à meia-noite a uma encruzilhada, como exige a crença, à espera do aparecimento de Belzebu. Nada

vê nem ouve, nada sente além de um medo contido com esforço. Na madrugada, retorna ao seu acampamento com dúvidas sobre o pacto e a própria existência do diabo.

O conhecimento de Guimarães do sertão mineiro

Desde pelo menos 1930, Guimarães Rosa demonstrou grande interesse pelo sertão mineiro, seus rios, sua fauna e flora, os costumes e a linguagem do sertanejo. È sabido e documentado que em 1952 o escritor acompanhou por dez dias uma boiada, saindo de Andrequicé, povoado próximo à barragem de Três Marias, até perto de Cordisburgo, sua terá natal. Na viagem, fez forte ligação com o vaqueiro Manuelzão (1904 – 1997), contador de causos que se tornou famoso. Manuelzão, que sobreviveu GR por 30 anos, relatava que João Rosa ouvia suas histórias, perguntava sobre a flora e a fauna, fazendo anotações que encheram uns 50 cadernos. A referida viagem de GR cobriu apenas 240 km, em região um pouco ao sul do cenário de GSV. Mas seu conhecimento do cenário do Alto Urucuia, que posso avaliar porque eu próprio o conheço bem, é inexplicável pelos registros dos périplos do escritor. Morei sozinho, por dois anos, numa fazenda na chapada que separa os vãos do Urucuia e do Paracatu. A fazenda, hoje dividida em três, ia do Ribeirão **Jiboia**, afluente do Urucuia, ao Ribeirão **Garapa**, afluente do **Rio Preto**, que é afluente do Paracatu. Numa das cavalgadas do grupo de jagunços a que pertencia Riobaldo, este narrador da história menciona essa chapada e fala de uma lagoa entre os dois ribeirões, nos seguintes termos precisos:

"... por entre o da-Garapa e o da-Jibóia, ali tem três lagoas numa, com quatro cores. **"**

A lagoa, de cores variáveis com sua profundidade, que se divide em duas ou três quando a água míngua com o avanço da estiagem, situa-se na fazenda que conheço desde 1956 e na qual morei em 1962-1963. Nesse período de residência, emprestei pastagem a um pequeno boiadeiro que trazia gado do Urucuia para vender na chapada. Este, um mulato alto de uns 55 anos, incluía no seu rico elenco de histórias referências ao doutor João Rosa, que perguntava detalhes de tudo porque era escritor das histórias do sertão. João Rosa teria seguido boiada acompanhando o comerciante de gado, cujo apelido esqueci há anos.

Seguindo o seu trajeto após passar pela lagoa de quatro cores, os jagunços descem para o vale do Rio Preto, margeando o ribeirão **Queba** (quebras), e o narrador comenta com precisão:

"O senhor verá um ribeirão, que verte no **Canabrava** – o que verte no **Taboca**, que verte no Rio Preto, o primeiro Preto do Rio Paracatu."

Já perto do Paracatu, o narrador fala no ribeirão **Entre Ribeiros** em termos de quem o conhece. Hoje, quem viaja de avião do Rio de Janeiro ou Belo Horizonte a Brasília sobrevoa o Entre Ribeiros, margeado por vastíssimas lavouras irrigadas e depois vastas chapadas e pode observar a maior a concentração de irrigações por pivô central da América Latina. A fartura de água de parte dos gerais, tão citada em GSV, é hoje usada para irrigação intensa de lavouras.

Especulo que Guimarães Rosa tenha andado pela região, e que possivelmente tenha também acompanhado o Urucuia desde Arinos até São Romão, onde ele verte no São Francisco. Dessa viagem, teria nascido seu deslumbramento pelo Urucuia, “onde tanto boi berra”, tão repetidamente cantado em GSV.

Não é possível avaliar o conhecimento de GR da fauna e da flora do sertão de GSV, que é todo o norte de Minas, pois o narrador Riobaldo vê o ambiente com os olhos de Deadorina, que com sua sensibilidade feminina mais aprecia as flores, os arbustos, os passarinhos e sua convivência com os rios. O manuelzinho-da-crôa é o mais bonito passarinho dos rios, ensina-lhe Deadorina repetidas vezes.

Deadorina passou a Riobaldo o amor ao Manuelzinho-da-crôa.

Ainda menino, Riobaldo encontra o também menino Reinaldo – Deadorina vestida de menino, de quem Riobaldo de imediato se enamora –, e com ele atravessa o Rio São Francisco. O São Francisco, e incontáveis outros rios são, junto com as veredas, os elementos mais citados da narrativa, muitos deles provavelmente fictícios. Riobaldo diz ter molhado as mãos em mais de dez rios com o nome de Preto. O incessante fluir dos rios é uma frequente menção da narrativa. Os rios não querem chegar a lugar nenhum, o que querem é engrossar e ficar mais fundo, afirma Riobaldo. Isso me traz à lembrança Heráclito e suas referências aos rios, que como o tempo fluem sem cessar e sem retorno, rumo a propósito algum.

As muitíssimas árvores de maior porte do sertão quase não aparecem na narrativa, exceto o pequi e o buriti, a palmeira símbolo das veredas. A famosa aroeira do sertão nunca é mencionada, mas são frequentes as menções à aroeirinha, arvorezinha que o sertanejo evita por causar dolorosa alergia de

contato. Na história, os jagunços convivem tranquilamente com o temido arvoredo: João Rosa aparentemente não sabia das erupções e da febre causadas pela planta. Surpreende-me também que Riobaldo não tenha mencionado que as redes em que os jagunços – e também quase toda a gente local – dormiam são feitas de palma de buriti.

As plantas medicinais do sertão são citadas com frequência por Riobaldo. Pode ser que a registrada convivência do jovem médico Guimarães Rosa com praticantes da medicina baseada em plantas tenha dado origem ao seu conhecimento de tantos chás e tantas ervas. Surpreende que Riobaldo nunca fale **vão** para referir-se aos vales dos rios, pois nas regiões do Urucuia e do Paracatu nunca ouvi de um nativo a palavra vale.

A palavra **catrumano** (cuja raiz é quadrúmano, de quatro mãos), que nos dicionários e na maior parte do interior significa caipira, capiau, em GSV é usada no sentido especial da região do Urucuia. Nesse regionalismo muito local, catrumano é o indivíduo que vive em pequenos bandos em beiras de estradas, de preferência em encruzilhadas, quase sempre próximo a uma vereda. Vivem da caça, da pesca, de frutas do cerrado, de mandioca e outras raízes cultivadas. Tecem redes de buriti para uso próprio e para a venda. Dos transeuntes da estrada obtêm utensílios básicos em troca do que dispõem para oferecer, o que é muito pouco.

Comparando o romance com o sertão, que em certa medida conheço, talvez eu possa opinar sobre uma questão de interesse do leitor: com que realismo Guimarães Rosa descreve o sertão em GSV? No livro, na verdade vejo um sertão em boa parte inventado. Entretanto, nessa invenção Guimarães Rosa revela um conhecimento do cenário difícil de ser explicado pelo que há de registrado sobre suas viagens ao norte de Minas.